

# REVENDO BRAGA: OLHAR RENOVADO SOBRE UM CRONISTA COMBATIVO

Carlos Ribeiro \*

**Resumo:** O presente trabalho tem como objetivo abordar um aspecto pouco conhecido da obra do cronista Rubem Braga: o da crítica social presente em grande parte das crônicas, notas, artigos e reportagens publicados ao longo de sessenta anos de sua atuação como jornalista e escritor. O cronista lírico dos passarinhos e das borboletas foi também um jornalista combativo que não se furtou a registrar, comentar, criticar, denunciar, combater e ironizar sobre praticamente todos os grandes temas do seu tempo. Sua atuação crítica engloba não apenas questões políticas mais imediatas, relacionados às arbitrariedades cometidas pelos sucessivos governos, entre os anos 30 e 90, como temas diversificados nos âmbitos cultural, ecológico, científico, tecnológico e comportamental.

**Palavras-chaves:** Rubem Braga; crítica social; literatura; jornalismo.

**Abstract:** This article aims to approach a little known aspect of the work of Rubem Braga: the social critique present in his chronicles, notes, articles and news articles published throughout sixty years of his performance as journalist and writer. The chronicler of "birds and butterflies" was also a militant journalist who did not resign himself of registering, commenting, defying and mocking practically all the great subjects of his time. His critical performance has covered not only questions of daily politics, related to the arbitrary acts committed by successive governments between the 1930's and 1990's, but also themes of cultural, ecological, scientific, and technological interest.

**Keywords:** Rubem Braga; social criticism; literature; journalism.

---

\* Jornalista, ficcionista e doutor em Literatura pela Universidade Federal da Bahia. Professor adjunto de Jornalismo na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

1. A crítica social do *velho urso*

É difícil mesmo ser cronista neste país. O primeiro mandamento de um cronista é variar de assunto, saltar disto para aquilo, falar de bois e de nuvens, de máquinas e metafísicas. Pois isso não se pode fazer. O país é horrivelmente monótono. Seus males e suas vergonhas se repetem com tão insistente despudor que o remédio é voltar a eles.

“A monótona desgraça”

13/11/1948

*Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa*

Parece que vão fazer uma lei para proibir dizer essas e outras coisas. Como não gosto de cadeia, passarei a falar das borboletas azuis. Encherei as colunas dêste jornal e os ares desta República de borboletas azuis até que seja proibido falar de borboletas azuis. Então, se me permitirem, falarei das borboletas amarelas. Há muitas borboletas e muitas côres neste país; estou sereno e otimista. Que venha a lei, senhores. Podem tirá-la do bolso do dólma.

“A nova lei”

30/08/1958

*Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa*

As duas crônicas, das quais tiramos os excertos acima, revelam de certa forma o pêndulo que caracterizou a trajetória do cronista Rubem Braga. Se, por um lado, constrangia-se por ter que escrever sobre os males do Brasil, por outro *era constrangido* a voltar aos temas amenos que marcariam o seu perfil de cronista das belas mulheres e das borboletas.

“O país é horrivelmente monótono. Seus males e suas vergonhas se repetem com tão insistente despudor que o remédio é voltar a eles”, diz Braga. Por que o “cronista dos passarinhos” é obrigado a voltar a temas tão “horríveis”, se a crônica, segundo o senso comum, tem como determinantes do gênero as características de “simpática”, “digestiva” e “voltada para o entretenimento” em seu rol de amenidades? O que tem de simpático e digestivo os seguintes trechos, sobre assuntos tão freqüentemente retomados por ele nos duros tempos do Estado Novo e da ditadura militar?

(...) Pancadas no estômago e nos órgãos genitais, choques elétricos, injeções nos ouvidos (para provocar dores quase insuportáveis), afogamento (a vítima tinha a cabeça submergida várias vezes, até desmaiar) e fuzilamento simulado, eis alguns dos processos usados nesses hábeis interrogatórios. (...)<sup>1</sup>

Que os quartéis do Exército o sejam locais de espancamento e tortura é coisa que não pode agradar a nenhum militar honrado. A covardia é algo que repugna fortemente aos homens de farda. Infelizmente a verdade é que a Revolução tem seus primeiros meses marcados por essa mancha detestável.<sup>2</sup>

Devemos ressaltar que um grande número dos temas abordados pelo cronista relaciona-se a questões políticas e sociais de um tempo saturado de toda sorte de arbitrariedades e violência, exploração e preconceitos, falcaturas e corrupção.

No decorrer de sua longa trajetória profissional, Rubem Braga escreveu sobre quase todas as questões relevantes do século XX: sobre o nazismo, o franquismo, o salazarismo, o comunismo; sobre a revolução cubana e a invasão daquele país pelos Estados Unidos; atacou as atitudes retrógradas da Igreja Católica e defendeu a Teologia da Libertação; combateu as ditaduras do Estado Novo e a militar de 1964; defendeu o monopólio da Petrobras, nos anos 50; denunciou a indiferença do governo e das elites econômicas em relação à miséria do povo brasileiro; previu, já nos anos 50, os graves problemas que decorreriam dessa indiferença; denunciou negociatas as mais diversas e, reiteradamente, a falta de fiscalização da indústria farmacêutica pelo governo; analisou as transformações verificadas no mundo moderno: as novas tecnologias e seus impactos, a ocupação do mercado de trabalho pelas

mulheres, as novas linguagens artísticas e literárias; atacou a ação violenta e arbitrária das polícias e das forças armadas; denunciou a censura e as torturas nas delegacias e nos quartéis; defendeu presos políticos (quando ele mesmo não era um); acompanhou, como repórter, a Guerra Fria, a política do petróleo, as experiências nucleares, a tomada do poder por Fidel Castro em Cuba; defendeu a preservação da estabilidade do emprego dos trabalhadores; deu voz aos subúrbios esquecidos e abandonados; acolheu inovações na cultura brasileira, a exemplo da roqueira Rita Lee, atacada por críticos, nos anos 60; apoiou campanhas de alfabetização; combateu práticas nocivas, como a cultura do “jeitinho”, a pena de morte e o preconceito contra homossexuais e prostitutas; ironizou o compadrio e o jogo de interesses na Academia Brasileira de Letras; denunciou, numa série de crônicas e reportagens, atentados ecológicos, a exemplo da construção da siderúrgica de Tubarão em Vitória do Espírito Santo e da Tibras, na Bahia, bem como o comércio de animais silvestres nas rodovias brasileiras.

Seria cansativo enumerar todos os assuntos abordados pelo escritor. O fato é que ele opinou, reivindicou, brigou, denunciou, defendeu, acusou, previu e ironizou sobre a maioria dos grandes temas do século XX, até a sua morte, às 11h30 da noite de 19 de dezembro de 1990.

### Denúncia e exaltação

Não por acaso, durante toda a sua longa vida, Braga optou pela definição de jornalista, em vez de escritor, para o ofício que exercia, segundo suas próprias palavras, sem muito entusiasmo. Referia-se a si próprio como um “cozinheiro do trivial”, uma forma bem característica dele de mascarar a sua importância como cronista. Diz ele, no versinho denominado “Versinho trivial”, dedicado a Afonso Schmidt:

*Quando eu era rapazinho  
Queria ser intelectual  
Mas hoje sou jornalista  
Que faço eu no jornal?  
Sou cozinheiro do trivial!  
Sou cozinheiro do trivial!*<sup>3</sup>

A propósito disto, escreveu, em 1940, durante o período que viveu em São Paulo.

Que é hoje, para mim, o trabalho de jornal? Seus encantos são precários. Tenho, como os outros, um relógio de ponto, uma função limitada, um desconto para a Caixa dos Comerciários. Escrevo o que mandam escrever – escrevo no anonimato da profissão, temperando os adjetivos segundo o paladar alheio. Esse trabalho nada me diz à alma: é como, para o bancário, o seu trabalho no banco, é como, para o caixeiro, seu trabalho no balcão. Uma rotina diária a seguir, um conjunto de normas a respeitar, de “chapas” a empregar. Já tive, é certo, em outros tempos, dias e meses de vibração em jornais de luta – a áspera luta pela opinião do povo. Mas o trabalho de jornal que mais me emocionou, o que tinha o encanto de uma revelação, o sabor de um dever novo, o ardor e o capricho de uma arte e de um sacerdócio – foi o trabalho no jornalzinho do interior, aos 15, 16, 17 anos.<sup>4</sup>

Não se deve, é claro, acreditar demasiadamente nas declarações do cronista. Ele tinha perfeita consciência da sua importância como jornalista e escritor. Aos 24 anos de idade, nos anos 20, quando lançou seu primeiro livro, com duas mil crônicas escritas e publicadas em grande parte na cadeia dos jornais associados de Assis Chateaubriand, já era uma pequena celebridade. Com três prisões no *currículo*, “escondia-se atrás de pseudônimos como José Bispo, M. de Carvalho, Chico ou, simplesmente, R”, conforme declara Marco Antonio de Carvalho<sup>5</sup>. E, com certeza, fazia bem mais do que escrever o que lhe mandavam escrever. Apesar das prisões, das ameaças e da censura, ganhara, desde cedo, uma notoriedade que lhe permitia escolher, com ampla margem de liberdade, os assuntos que lhe vinham à pena. A identificação com o ofício de jornalista, cuja *desimportância* não cansava de ressaltar,

repousava justamente nessa possibilidade de interferir diretamente nas coisas da vida e do mundo. De acordo com sua própria opinião, o que mais destacava no seu ofício de cronista, era a “vibração em jornais de luta – a áspera luta pela opinião do povo”. O talento poético abria-lhe, entretanto, uma janela para fora da aridez do mundo, para além das limitações que se lhe impunham ou que lhe queriam impor. À horrível monotonia contrapunha, como *remédio*, borboletas azuis e amarelas. Pois que as borboletas significavam, na verdade, não apenas uma fuga do que era considerado relevante em termos políticos e sociais – mas elas também elementos de resistência à desumanização, no mundo e nas páginas dos periódicos.

A oscilação entre a denúncia mais crua e a exaltação à graça e à beleza se dava, freqüentemente, num mesmo texto, passando do registro meramente informativo para a expressão poética, e vice-versa, como se pode ver na seguinte crônica.

Para lhe mostrar como as coisas se precipitam, senhor secretário: ontem o médico disse que estou com a vista cansada. É claro, tenho visto muita coisa cansativa e triste: miséria, dor, humilhações. Ainda ontem mesmo vi uma criança doente; tão miserável, tão disforme na sua doença que parecia um milagre ainda ter respiração para mover o peitinho. Um milagre triste, quase revoltante. Seus olhos... mas não, senhor secretário, eu não vou fazer crônica sobre isso nem sobre coisa alguma. Não posso. Minha vista está cansada de muita coisa; mas não das árvores; não do céu; não, nunca, do mar. E exatamente esta manhã, senhor secretário, recebi do astral, vinda pelo telefone, uma mensagem segundo a qual, além das gaivotas, é possível que seja visível esta manhã, em pessoa, na praia, a Deusa da Graça e da Beleza, como se dizia nas valsas.<sup>6</sup>

Tais cruzamentos são visíveis também nos textos publicados em livro, nos quais se verifica, embora um pouco mais isento de seus aspectos contingenciais, um número nada desprezível de textos contundentes em suas denúncias de nossas mazelas sociais.

### Breves comentários

Vejam, a seguir, como as questões sociais estão presentes nos livros do autor<sup>7</sup>, mesmo quando libertas do peso contingencial do momento histórico.

*O conde e o passarinho*, primeiro livro de Rubem Braga, publicado em 1936, reúne 27 crônicas publicadas em jornal entre os anos de 1933 e 1935. Dentre elas, treze tratam de questões relacionadas à pobreza, à exploração das massas urbanas, à arbitrariedade policial, ao descaso com a sorte dos desfavorecidos; à vida insalubre em cortiços, mocambos e casebres infectos, à morte de crianças por fome e doenças, à falta de acesso do povo a espetáculos culturais, à vida mecanizada e sem ideais nas metrópoles cinzentas, ao preconceito racial, dentre outros temas. O acento lírico marcante de todos os textos potencializam a indignação do então jovem cronista, na época com apenas 24 anos, nas seguintes crônicas: “Como se fora um coração posticho”, “Pequenas notícias”, “Recenseamento”, “Animais sem proteção”, “A empregada do dr. Heitor”, “Mistura”, “Cangaço”, “Batalha no Largo do Machado”, “O conde e o passarinho”, “Conto histórico”, “Luto da família Silva”, “Recife, tome cuidado” e “Reflexões em torno de Bidu”.

Em *Morro do isolamento*, lançado em 1944, os mesmos temas estão presentes em onze das 25 crônicas, publicadas em jornal entre os anos de 1934 e 1941. São elas: “Palmikaski”, “Morro do isolamento”, “O homem do quarto andar”, “A lira contra o muro”, “Em memória do bonde de Tamandaré”, “A senhora virtuosa”, “O número 12”, “Dia da raça”, “Crime de casar”, “Os mortos de Manaus” e “Temporal de tarde”. Além daqueles, observa-se a presença de outro tema, a intolerância religiosa, retratada em “Reportagens”. Outra diferença, em relação ao livro anterior, é a referência direta ao morticínio provocado pelo nazi-fascismo, que mereceria uma curiosa “dedicatória contra”. Diz ele:

Dedico êste livro aos companheiros do Correio do Povo e da Folha da Tarde e aos amigos de Porto Alegre, com um forte abraço de gratidão.

Esta é a minha dedicatória a favor, mas como andamos em tempo de guerra quero fazer uma dedicatória contra. E comece por Hitler, mas não fique nesse grande cão escandaloso nem nos que latem e mordem de sua banda. Atinja, aqui e ali, todos os que, no claro ou no escuro, trabalham mesquinamente contra o amanhã. Aos carniceiros prudentes e às velhas aves de rapina barrigudas e todavia insensatas: aos construtores de brejos e aos vendedores de água podre; aos que separam os homens pela raça e pelos privilégios; aos que aborrecem e temem a voz do homem simples e o vento do mar; e aos urubus, aos urubus!<sup>8</sup>

O terceiro livro, *Com a FEB na Itália*, lançado em 1945, marca um momento singular na bibliografia de Rubem Braga: a da cobertura que fez, como correspondente de guerra do Diário Carioca, da campanha do Brasil na II Guerra Mundial. O livro foi reeditado em 1964, com o título *Crônicas da Guerra*, e, em 1985, como *Crônicas da Guerra na Itália*, acrescido de mais oito textos aos 83 originais, totalizando 91. É desta última edição que destacamos 27 crônicas-reportagens: “Viagem do pracinha”, “Em Barga”, “A procissão da guerra”, “Cartas”, “Partigiani”, “No Palazzo Venezia”, “Mestre pracinha e a neve”, “Despojos”, “Comidas”, “Passeio aéreo”, “Plantações”, “A menina Silvana”, “O Castelo caiu”, “O chão”, “Correspondência”, “O cemitério”, “Impressões de moça”, “No Belvedere”, “Passeio na montanha”, “Fins de março”, “Cristo morto”, “Árvores”, “Uma aldeia esquecida”, “No 2º do 11”, “Em Bolonha”, “Texto para o ‘Caderno de Guerra’ de desenhos de Carlos Scliar” e “Voltando para a Itália 25 anos depois da guerra”. Neles, a ênfase maior do cronista é na humanidade do pracinha resgatado de sua impessoalidade; no contraste da natureza amena dos campos italianos com a brutalidade dos combates; na violação dos lares com seus “reinos íntimos”, “antigas ternuras” e “longas discussões domésticas”; na descrição das cidades em ruínas e no sofrimento de seus habitantes, sobretudo das mulheres e das crianças; no patrimônio artístico ameaçado; no heroísmo do homem comum; nas vidinhas estreitas em meio aos combates; nas raízes do nazi-fascismo e da guerra; na exploração de classes; na fome, na humilhação e no servilismo impostos às populações; nos que lucram com a guerra; nos corpos dos pracinhas mortos que se acumulam nos cemitérios; nos soldados alemães que, em particular, renegam Hitler e o nazismo, e em público o glorificam; na capacidade humana de reconstruir a vida a partir dos escombros; nos homens que se acostumam com a guerra; na censura exercida contra a imprensa. Trata-se, segundo definição do próprio Braga, de “uma simples literatura de exaltação cívica”, que se pretendia ser “uma narrativa popular, honesta e simples das vidas e dos feitos dos homens na Itália”. Mas que, a nosso ver, é exatamente isto.

*Um pé de milho*, lançado em 1948, traz, em textos publicados entre 1933 e 1947, além dos temas anteriores, uma ênfase maior em questões que relacionam a perda da beleza e da autenticidade com a desumanização das grandes metrópoles, com sua máquina burocrática que tritura os seres humanos, sobretudo nas classes menos favorecidas, os subúrbios cinzentos com seus habitantes tristes e mesquinhos. Há ainda referências mais específicas às prisões que sofreu durante o Estado Novo. Entre 32 crônicas, sobressaem-se, nesses aspectos, doze: “Telefone”, “Ginástica”, “País difícil”, “Não tem”, “Subúrbios”, “Conversa de abril”, “Nomes”, “História do caminhão”, “Os ficus do senhor”, “Louvação”, “Sobre o vento noroeste” e “História de São Silvestre”.

Em *O homem rouco*, de 1949, reunindo trabalhos publicados em 1948/49, observa-se uma preponderância maior dos temas líricos, ligados ao afeto e à memória. Das quarenta crônicas do volume, apenas quatro fazem referências, aliás bastante veladas, a questões sociais, mais especificamente associadas à ação policial e às forças armadas (“Essas amendoeiras”, “Histórias de Zig”), à relação entre beleza e utilidade (“O funileiro”) e a uma desencantada e desesperançosa visão do futuro (“Nascem varões”).

*A borboleta amarela*, de 1955, traz 54 crônicas publicadas no Correio da Manhã, entre janeiro de 1950 e dezembro de 1952. Dentre elas, doze – “A voz”, “O sino de ouro”, “O telefone”, “A praça”, “Odabeb”, “Os jornais”, “Manifesto”, “Em Cápri”, “Imigração”, “A moça”, “Flor de maio” e “A grande festa” – destacam-se por abordar questões diversas, tais como o sórdido efeito da denúncia anônima num caso de assassinato passional, a resistência à desumanização do progresso no fundo do sertão de Goiás, uma crítica aos serviços da Companhia Telefônica, as relações humanas na

Praça Martim Afonso em Niterói, a voz dissonante e incômoda dos artistas e poetas, uma crítica à tendência dos jornais de só publicarem desastres e desgraças, um comunicado aos operários da construção civil, uma denúncia da tendência, no Brasil, de se destruir o patrimônio natural; observações sobre a política imigratória, uma crítica ao esnobismo da pobreza, a exaltação ao nascimento de uma flor no Jardim Botânico, “única notícia boa de um dia inteiro de jornal”, memórias de um Réveillon que resplandecia numa noite triste e negra que chorava de tristeza e pobreza. Sem falar, é claro, na própria crônica que dá título ao livro, emblemática da resistência frágil e delicada da poesia e da natureza representadas pela borboleta amarela, numa grande metrópole.

Em *A cidade e a roça*, lançado em 1957, e relançado posteriormente com o título *O verão e as mulheres*, estão reunidas 32 crônicas publicadas entre janeiro de 1953 e dezembro de 1955, e mais quatro, anteriormente publicadas, separadamente, em 1954, com o título *Três primitivos*. Deste total, apenas oito – “O homem dos burros”, “Dalva”, “A cidade feia”, “O jovem casal”, “O outro Brasil”, “A Revolução de 30”, “O lavrador” e “O pintor Silva” – abordam questões sociais mais visíveis, nos perfis de um homem simples do interior, de um lavrador e de uma operária “que empurra papel na Cexim”; na feiúra, tristeza, mediocridade e mesquinhez de um trecho urbano e de uma vida sórdida entrevista por um jovem casal, na fuga sempre frustrada do próprio cronista para uma vida “fora das estatísticas e dos relatórios”, nas lembranças da Revolução de 30 e no perfil de um pintor primitivo.

*Ai de ti, Copacabana*, um dos livros mais conhecidos de Braga, foi lançado em 1960, com 61 crônicas escritas de abril de 1955 a fevereiro de 1960. Do total, apenas dez – “A corretora de mar”, “O presidente voador”, “Sobre o amor, desamor”, “Ai de ti, Copacabana”, “Homenagem ao Sr. Bezerra”, “Um mundo de papel”, “Bilhete a um candidato”, “Natal de Severino de Jesus”, “A nuvem” e “Visita de uma senhora de bairro” – abordam questões como a proteção de árvores e passarinhos, o Brasil e sua gente simples “perdida pelas imensidões melancólicas”, as relações dos casais de antigamente e suas aflições, a rebelião da natureza e dos “gentios” dos morros contra o Rio de Janeiro, a especulação imobiliária, a desonestidade nos concursos públicos, a farsa das eleições, a miséria do povo no Natal, os problemas da grande cidade em contraste com a poesia das amendoeiras e do amor de uma jovem e os conflitos de uma mulher casada.

*A traição das elegantes*, de 1967, é, desde os dois primeiros livros de Braga, um dos que mais destaque dá a questões sociais, presentes em dezoito das sessenta crônicas do volume: “Conversa de compra de passarinho”, “O compadre pobre”, “Um sonho de simplicidade”, “Lembranças”, “Nós, imperadores sem baleias”, “As pitangueiras d’antanho”, “Pescaria de barco”, “Aquele folheto perdido”, “Meu ideal seria escrever...”, “Às duas horas da tarde de domingo”, “O boi velho”, “Monos olhando o rio”, “Os pobres homens ricos”, “Confissões de um embaixador”, “Ainda sobre elefantes”, “Pessoas que acontecem”, “Os carnavais de antigamente” e “A traição das elegantes”. Observa-se aqui uma maior ênfase em questões ecológicas: a preservação das aves, o desaparecimento das pitangueiras, a derrubada das matas de São Paulo, do Rio e do Espírito Santo, a morte dos elefantes; o desejo de fuga para uma vida simples no interior; a exaltação da vida simples, do seringueiro e do lavrador; a perda da ingenuidade política, a irrupção da beleza na cidade grande e num tempo sombrio de ditadura e do nazi-fascismo, a busca de um sentido nas pequenas coisas, a redenção pela palavra, importância de regras e etiquetas, perseguição política e a aparição súbita da Providência Divina, características dos carnavais de antigamente, a insensatez e insensibilidade das elites.

*Recado de primavera*, de 1984, reúne 37 crônicas, em sua maioria, publicadas, no final dos anos 70 e início dos 80, na Revista Nacional e no suplemento dominical do Correio do Povo de Porto Alegre. Destas, nove se destacam por comentar mudanças culturais, relacionadas ao comportamento das mulheres, ao ato de fumar e à forma como se encarava as estrelas e astros do cinema e da TV; a degradação ambiental e social da cidade do Rio de Janeiro; equívocos da repressão política durante o Estado Novo; definições sobre o Brasil brasileiro; memórias de um fugitivo político e da Revolução de 1932. São elas: “Foi bom”, “Fumando espero aquela...”, “As estrelas que nós amamos”, “Clamo e reclamo e fico”, “O mistério do telegrama”, “O chamado Brasil brasileiro”, “Diário de um subversivo – ano 1936”, “Recordações pernambucanas” e “Na revolução de 1932”.

O último livro com crônicas selecionadas pelo próprio autor, *As boas coisas da vida*, data de 1988. Reúne 54 crônicas, das quais dezessete – “O porto da minha infância”, “O Rio antigo era assim”, “Adeus a Augusto Ruschi”, “O velhinho visita a fazenda”, “O protetor da natureza”, “A cachaça também é nossa”, “Vamos outra vez pedir perdão”, “A geração do AI-5”, “Histórias de baleia”, “Rita Lee”, “Havia um pé de romã”, “Chamava-se Amarelo”, “A boa manhã”, “Passarela e anúncios”, “O delegado e o apito”, “O caboclo Bernardo” e “O Sr. Alberto, amigo da natureza” – abarcam temas em que se sobressaem questões ambientais relacionadas à memória do ornitologista e defensor das matas do Espírito Santo, Augusto Ruschi, à destruição das antigas fazendas de Minas e do Espírito Santo pela especulação imobiliária, à importância dos pés de romã e à “agonia humilde” do rio Amarelo; propõe mudanças urgentes no velho porto da infância; relembra mudanças no Rio antigo; critica a proposta de extinção do fabrico da cachaça, a única bebida nacional 100% brasileira; comenta as negociatas de ministros brasileiros com banqueiros e funcionários do FMI; refere-se à geração do AI-5; comenta a pesca da baleia no litoral brasileiro; critica a vulgaridade de cantoras brasileiras e elogia a alegria da roqueira Rita Lee; os horríveis problemas do mundo e as alegrias das pequenas coisas; a educação das crianças; a “força tremenda da polícia para o bem e para o mal” e faz uma justa homenagem ao caboclo Bernardo, que salva os sobreviventes de um naufrágio, em 1887, na Barra do Rio Doce.

Há ainda duas seleções feitas postumamente: *Uma fada no front: Rubem Braga em 39*, organizada por Carlos Reverbel, de 1994; e *Um cartão de Paris*, por Domício Proença Filho, de 1997. Desta última, cuja ênfase maior está na memória e no lirismo, de um conjunto de 36 crônicas, publicadas entre 1988 e 1990, no jornal O Estado de São Paulo, apenas duas, “As músicas de Deus” e “O milagre da pintura”, tocam de leve em questões sociais relacionadas ao distanciamento dos habitantes da cidade grande das forças da natureza (a noite, o vento do mar) e a parcialidade dos que criticam aspectos da arte, colocando-lhe limites.

A segunda, por sua vez, com quarenta crônicas publicadas, de julho a outubro de 1939, em plena Segunda Guerra Mundial, na Folha da Tarde de Porto Alegre, mostra um Braga combativo, ácido e contundente em suas denúncias. Em nada menos que 25 crônicas – “Cadeia”, “Nossos aliados”, “Sobre livros”, “O maquinista João”, “Filhos do Rio Grande”, “Arianismo”, “Os coloninhos”, “Setembro, chuva”, “Fora do barulho”, “Guerra”, “Uma fada no front”, “Fale a associação”, “Chô, urubu”, “Uma festa”, “Crianças com fome”, “Doutor jornalista”, “Sopa e champagne”, “Um gaúcho”, “O” e “Um”, “Pescadores”, “Blumental”, “Poetisas”, “Sereia de Ramos”, “SPAAN”, “Um fato” e “Mais um fato” –, Braga ataca comerciantes inescrupulosos que lucram com a guerra, manifesta desprezo pela ideologia nazista e expressa o cáldo amor à Alemanha; defende os índios guaranys, os pescadores de Tramandaí e os homens simples e honestos que são explorados pela elite econômica; reivindica uma política de libertação econômica; apóia campanhas em benefício de crianças com fome e a ação da Sociedade Porto-Alegrense de Auxílio aos Necessitados; faz observações sobre o surgimento dos cursos superiores de jornalismo; questiona comentário de Érico Veríssimo de que “O escritor no Brasil pode viver do que escreve”; critica a burocracia para a obtenção do registro profissional de jornalista e denuncia falcatruas da Missão Salesiana do Mato Grosso. Este é, certamente, o volume de crônicas que melhor revela a faceta combativa de Rubem Braga, em sua vertente social.

Pode-se dizer, com alguma margem de segurança, que Braga, como bom jornalista que era, fez o que muitos outros profissionais da imprensa fizeram e fazem, e nisto não há grande novidade. O grande diferencial da sua atuação estava, portanto, num estilo pessoal que harmonizava, com grande habilidade, a informação com os deslocamentos de sentido que imprimia aos seus textos, colocando a nu, com sua habitual ironia, os discursos dominantes. Mais do que nos fatos, a denúncia se dava no terreno da própria linguagem, o que, não poucas vezes, exasperou os que o perseguiam e detratavam.

Às suas crônicas, pode-se aplicar com justeza o que disse Fábio Lucas sobre o romance social.

Os melhores romances de caráter social são justamente aqueles que primam pela negação do sistema que nega o homem, que o tritura na sua máquina de produção, que o mutila, que reduz os

seus horizontes, que o transforma em coisa.<sup>9</sup>

## 2. Olhares sobre o cronista

A trajetória do cronista, na perspectiva dos seus trabalhos publicados em livro, dá a idéia de que ele se tornou, com o passar dos anos, menos afeito aos temas políticos. São visíveis os sinais de que se desiludira, ao longo de décadas de atuação na imprensa, não exatamente quanto à pretensão de alterar alguma coisa no mundo com sua atividade literária e jornalística, mas na ênfase que dava às suas denúncias e à energia que investia no “bom combate”.<sup>10</sup> Conformara-se, talvez, com a idéia de que já havia feito a sua parte. Isto é claramente visível quando se compara a ênfase social dos seus dois primeiros livros com o tom cada vez mais desinteressado de suas últimas obras. A sua imagem pessoal, nos últimos decênios de sua vida, mais especificamente a partir dos anos 70, era, sobretudo entre alguns intelectuais cariocas, a de um “comodista”, de um “descrente”, quando não de um “cínico”.

Na biografia escrita por Marco Antonio de Carvalho, o jornalista Franklin Martins refere-se ao fato de que o cronista

nunca foi visto em uma passeata e discordava do amigo Sérgio Buarque de Hollanda, quando este se juntava aos atores e estudantes e ainda carregava o filho. “Bobagem do Sérgio, ir a essas assembléias e ainda levar o Chico!”<sup>11</sup>

Tratava-se, diz Marco Antonio, de uma opção pelo individual, de “uma opção por não participar mais das lutas”<sup>12</sup>.

No entanto, Braga continuava a exercer, no âmbito privado, a sua opção moral de oposição e de resistência. Exemplo disso foi a acolhida que deu ao líder estudantil capixaba Sebastião Maciel de Aguiar, que

durante cerca de um ano (...), almoçou, jantou e dormiu na casa do Braga. Sem dinheiro, sem emprego, assustado com a repressão, o poeta capixaba sobreviveu vendendo *A cidade a roça*, que Rubem doou à sua causa particular.<sup>13</sup>

Por atitudes como esta, espalhou-se o boato de que apoiou a guerrilha urbana no Rio de Janeiro, no início dos anos 1970, fato improvável e nunca comprovado.

Do ponto de vista de sua atuação jornalística, o referido afastamento dos temas políticos é apenas parcialmente verdadeiro. Se, de fato, é possível constatar isto no tom de suas crônicas publicadas em livro, não se pode dizer tanto no que se refere aos textos que se restringiram às páginas dos jornais. Embora visivelmente mais cético e desencantado, ele continuou se posicionando, ainda que episodicamente, sobre questões políticas e sociais até o final de sua vida. Exemplo disso é o episódio da censura que sofreu, nas páginas do jornal Estado de São Paulo, por ter declarado seu voto a Luiz Inácio Lula da Silva, nas eleições para presidente da República, em 1989. O caso é narrado por Marco Antonio de Carvalho.

Braga resolvera sair do Estadão meses antes, em dezembro de 1989, quando do debate entre Collor e Lula, no segundo turno para a presidência. Deixara claro, no final do texto para o jornal, que votaria no candidato do PT, “o bronco Lula” – mas sua frase de apoio ao candidato petista foi cortada por Augusto Nunes, editor do jornal que apoiava Collor, um gesto que faria o jornalista se penitenciar pelo resto da vida. Não que Nunes tivesse outra opção.

No dia seguinte, Rubem telefonou para Nunes e deixou claro que não concordava com aquilo e que não seria mais colaborador do jornal. Por mais que Augusto explicasse que não era dono do jornal, que tinha de administrar uma situação delicadíssima – os jornalistas, na redação, sabidamente, apoiavam Lula, mas os donos do jornal eram claramente a favor de Collor –, Rubem insistiu: não queria mais ter seu nome nas páginas do Estadão.

Pouco depois, no entanto, recebeu um telefonema do Rio. Era Fernando Sabino, que insistia: ‘Não aceite a demissão do Rubem, Augusto’. E explicou: o cronista estava muito doente e precisava de dinheiro. Nunes, então, voltou a entrar em contato com Rubem. Dessa vez, conseguiu demovê-lo. E Braga retornou às páginas do jornal, onde escreveu até a véspera da morte<sup>14</sup>.

Atitudes como esta contribuíram, certamente, para que, ainda que num círculo bastante restrito de amigos, jornalistas e leitores atentos, a atuação jornalística contundente e até panfletária do escritor não fosse de todo ignorada. Na reportagem intitulada “O guerreiro gentil”, publicada em março de 1991 na revista *Imprensa*, diz o jornalista Múcio Borges da Fonseca:

Rubem Braga foi o cronista suave do mar, do vento e dos passarinhos. Mas por trás desse homem doce, havia também o jornalista panfletário, corajoso e ferino.

Ele continuará sendo lembrado como um dos maiores, senão o maior cronista brasileiro. Era admirável a maneira como pinçava temas aparentemente banais do cotidiano – passarinhos, por exemplo, e mar e vento, e pescarias, a borboleta amarela, um pé de milho – para escrever belos textos suaves e líricos. Mas, por trás do cronista Rubem Braga, que morreu às vésperas do último Natal, havia também um valente e talentoso panfletário. Um jornalista sério, capaz de indignar-se contra o que via de errado e ruim à sua volta. Um homem de caráter.

Era um panfletário bissexto, de frases curtas e secas, esgrimadas com elegância e certo bom humor. Bem mais contido que o seu contemporâneo Carlos Lacerda – cujo estilo copioso mais parecia uma enxurrada, a levar de arrastão a multidão de seus desafetos – porém igualmente ferino. Esse Rubem Braga panfletário, de quem poucos se lembrarão hoje, pode ser encontrado, por exemplo, na releitura das páginas de Comício, semanário político de vida efêmera que circulou no Rio de Janeiro – então a Meca da Imprensa brasileira – no ano já distante de 1952. Braga dividia a direção com Rafael Corrêa de Oliveira, um jornalista muito atuante na época, e mais Joel Silveira, seu amigo de sempre, desde os tempos de Diretrizes, o semanário mítico fundado por Samuel Wainer no final dos anos 30, em pleno Estado Novo do então ditador Getúlio Vargas.<sup>15</sup>

Por sua vez, o jornalista e crítico literário, Leo Gilson Ribeiro, chama a atenção, no artigo “70 anos. É mesmo?”, para a impossibilidade de se dissociar a crônica de Braga do seu autor. “As atitudes públicas confirmam a mesma retidão ética das crônicas, as decisões quixotescas, a mesma cor de lirismo dos livros”, diz ele e cita a seguinte declaração do poeta Carlos Drummond de Andrade:

Mas há nele (em Rubem Braga) também um cidadão vigilante que, sob a aparência de tédio, quando acha necessário, diz as verdades valentes que ficam na garganta dos outros. Enfim, o capitão Braga é uma parada!<sup>16</sup>

Diz, ainda, Leo Gilson Ribeiro:

Rubem Braga não se limita a citar gráficos e estatísticas desumanos, não é um engagé sem talento que meramente papagueia as manchetes dos jornais sobre o Manicômio Judiciário ou sobre o excesso de presos na Casa de Detenção. Senão, ele seria apenas um extrato do IBGE. Mas a sua funda amargura, o seu desgosto para com a coletividade humana na latitude brasileira são abrandados – nunca alienados – pela esperança paradoxalmente cética de um futuro mundo melhor, mais equânime, menos vil. (...)

Se o leitor se identifica freqüentemente com o autor, uma das razões para esta afinidade (que muito tem do encanto de um diálogo entre dois seres através de uma página impressa) não é apenas a simplicidade do vocabulário. Nem o despreendimento com relação a qualquer grandiloquência demagógica. É que Rubem Braga todo ele poreja os anseios insopitáveis da condição humana: a liberdade, a justiça, a democracia.<sup>17</sup>

Não há, a rigor, uma contradição entre o “comodismo” e a “descrença” do (agora literalmente)

*velho* Braga e a sua atuação como jornalista. Na verdade, desde seus primeiros textos da juventude, ele nunca foi otimista, nem manifestou qualquer ilusão no sentido de que as suas crônicas e reportagens pudessem, de fato, alterar, de forma mais substancial, o rumo dos acontecimentos. Sua militância política foi mínima e, ainda jovem, recusara as propostas de pertencer a um partido político, por várias razões, dentre as quais se destacava a preservação da sua independência de pensamento e de expressão.

O jornalista Fernando Pedreira relata um caso curioso: o então jovem escritor recusara o insistente pedido de amigos para se filiar ao Partido Comunista por este falar mal da pequena burguesia e dos pequenos burgueses. Pedreira cita personagens célebres, a exemplo de Lutero, Voltaire, George Orwell, Bertrand Russell, Soljenitsin e Sakharov, como pertencentes “a uma família de homens que se distingue por uma espécie de renitente e feroz independência de espírito e de julgamento”. Diz que “Braga tinha toda a razão do mundo, há quarenta ou cinquenta anos, de se recusar a renegar a sua (nossa) modesta e brava condição própria”.

A história do seu teimoso orgulho de pequeno-burguês e da sua recusa em banhar-se nas águas do Jordão comunista, onde já estavam mergulhados tantos dos seus companheiros de juventude, foi-me contada e repetida por ele próprio, até que um dia, em abril de 1979, eu a reproduzi num desses artigos de domingo.

E acrescenta, em seguida, uma observação que nos parece bastante pertinente:

Seria certamente falso tentar fazer, do doce e mal-humorado urso que foi Rubem Braga, uma figura política, embora, em 1945-46, ele tenha relutantemente militado na Esquerda Democrática de João Mangabeira e Hermes Lima. O exemplo do cronista, antes de político, foi moral. Numa hora em que parece tão desesperadamente grande a confusão de idéias e de valores entre seus colegas jornalistas, não há-de ser supérfluo assinalar a herança, a lição do Braga.<sup>18</sup>

Que não se busque, portanto, grandes distâncias ideológicas entre o jovem “velho Braga” que, nos anos 30, buscara a voz das ruas e escrevera, no Recife, “alguns dos textos mais agressivos já escritos na imprensa brasileira contra a poderosa Igreja, seus sacerdotes e fiéis”<sup>19</sup>, e o velho “velho Braga”, que, em sua cobertura em Ipanema, nos anos 60, como celebridade das letras nacionais, vivia “o paradoxo de ser um descrente que crê, um casmurro cercado de dezenas de amigos, um solitário rodeado de mulheres”<sup>20</sup>.

A visão parcial da obra e da pessoa ou *persona* de Rubem Braga dá margem, portanto, a equívocos tais como o de acreditar que se tratava de um cronista alienado da realidade social e política brasileira do seu tempo, acomodando-se, efetivamente, ao longo dos anos; ou, no extremo oposto, que tenha sido, em algum momento ao longo da sua história, um militante político aliado a grupos de esquerda, um comunista convicto, com planos de derrubada do poder e mudança do sistema político e econômico, idéia que, como veremos adiante, ele ironizava, com freqüência, em suas crônicas. O que não o impediu de realizar, ano após ano, uma oposição dura e às vezes feroz a todas as formas de arbitrariedade.

## Frentes de ação

Deve-se ressaltar, entretanto, que, embora não fosse filiado a nenhum partido político, Rubem Braga atuou como repórter e editor de jornais de esquerda, tanto no período da ditadura de Getúlio Vargas, como na ditadura militar de 1964. Em 1935, por exemplo, no Recife, onde morou alguns meses, ajudou a fundar o jornal *Folha do Povo*, porta-voz da *Aliança Nacional Libertadora*, ligado ao Partido Comunista. De volta ao Rio, trabalhou no jornal *A Manhã*, fechado pelo governo, e no semanário *Diretrizes*, ao lado de Samuel Wainer.

No início dos anos 50 dirigiu, ao lado de Joel Silveira e Rafael Correa de Oliveira, o tablôide

O *Comício*, no qual, lembra Múcio Borges da Fonseca:

(...) ele fazia um pouco de tudo. Além de assinar uma coluna, que usava geralmente para cartas satíricas a merecerem ainda hoje uma antologia, escrevia também pequenos editoriais e a seção intitulada “O dia do presidido”. Era uma réplica da seção que Última Hora inaugurara para noticiar as atividades de Vargas – novamente no poder depois de haver ganho, desta vez democraticamente, as eleições de 1950 – e que não conseguiam o desejado espaço no Correio da Manhã, no Diário de Notícias e em outros grandes jornais da época, todos na mais ferrenha oposição ao ex-ditador.<sup>21</sup>

A atuação diária em periódicos da oposição, de tendências declaradamente esquerdistas, não era, aliás, incomum aos escritores e intelectuais da geração de Rubem ou da imediatamente posterior. Como se pode ver no seguinte trecho da reportagem de Múcio:

Segunda-feira era o dia de fechamento. Numa carta ao presidente da ABI – Associação Brasileira de Imprensa –, Herbert Moses, Rubem Braga contava o corre-corre, habitual em todas as redações: “O Joel na oficina, o Otto custando a mandar o Senado, a Hilde e o Fernando se desentendendo, o Castelo de vale na mão. Eu acabo comendo um sanduíche qualquer, entre uma legenda apressada e um telefonema aflito”.

Ele se referia, além de Joel Silveira, a Otto Lara Rezende, Hilde Heber, Fernando Sabino e Carlos Castelo Branco, todos colaboradores de *Comício*. Um time de primeira, do qual faziam parte ainda Antonio Maria, Sérgio Porto, Millôr Fernandes, entre muitos outros.<sup>22</sup>

A carta a Moses, esclarece Múcio, fora escrita por Braga para protestar contra o almoço que a ABI oferecera a Vargas, agraciado com o título de “Sócio Grande Benemérito” da entidade.

Para Rubem, a tal homenagem só merecia um adjetivo: “calhorda”. E acrescentava, irônico: “Não, Moses, não me inclua, por favor, entre aqueles pessimistas negadores e apaixonados deturpadores de que falou no discurso. Sou dono de um excelente fígado que nem os licores da velha Escócia falsificados nesta praça, nem os governos do sr. Vargas afetaram jamais. Enfim, o que se disse no banquete está dito; o que se comeu, comido; o que se bebeu, bebido. Eu é que não vou atrapalhar a digestão de ninguém – e em tempos de Vargas já me julgo feliz em comer sanduíche numa redação e não feijão bichado numa cadeia, o que já me sucedeu, a mim e a jornalistas melhores.”<sup>23</sup>

Múcio assinala o fato, pouco referido na biografia do escritor, de que

Rubem Braga, no exercício de sua profissão, amargou várias prisões. A primeira no Recife, aonde chegou com 22 anos, nos idos de 1935, para trabalhar como repórter da Folha do Povo, jornal comunista que, desde então, existiu intermitentemente, aos trancos e barrancos, até o golpe militar de 1964. Outra vez, em Porto Alegre, sempre durante o Estado Novo, foi desterrado por ordem do interventor Cordeiro de Farias. A polícia colocou-o à força num navio e assim ele saiu expulso da capital gaúcha.<sup>24</sup>

Sua única experiência de militante, diz Múcio, “foi, mesmo, quando ajudou a fundar, em 1946, ano da redemocratização, o Partido Socialista Brasileiro, de cuja Comissão Nacional chegou a fazer parte durante algum tempo. “A pouca política de que sou capaz” – confessou num dos seus artigos – “eu a faço dentro do meu ofício, que é escrever nas gazetas.”

O semanário *Comício*, enquanto durou a sua curta vida, deu-lhe essa oportunidade. E assim, o panfletário que no fundo existia dentro dele, convivendo com o cronista de temas amenos, e que só emergia vez por outra, aqui e ali, quando mais intensa e regular. Num dos artigos dessa fase, ele

abriu fogo contra a insensibilidade das elites brasileira diante do agravamento da miséria no país. “Ou essa gente enlouqueceu ou não pode ver essa paisagem sombria e tensa, não pode ouvir esses murmúrios que vão subindo, vão subindo.” E recitava, a esses “ricos insensatos”, uma “boa rajada de vento das ruas”, a fim de que acordassem, finalmente, para a realidade cá fora...

Noutro artigo, abordou o problema das favelas e da invasão de terrenos que, naquela altura, já existia e preocupava. Esbravejava o velho Braga: “Podemos, com o fogo, e depois com as pauladas e o revólver, impedir que eles morem em algum lugar”.

Tudo isso foi há 40 anos. E a leitura desses antigos artigos flamejantes, tão distantes e remotos, bem mostram que o país, de lá pra cá, quanto mais mudou, mais permaneceu a mesma coisa...<sup>25</sup>

A reportagem assinala um dado importante do perfil de Braga, como jornalista-escritor: o de ser “uma espécie de lobo solitário”, resistindo “a se engajar em grupos ou facções”. Na sua atividade jornalística, batia firme tanto à direita como à esquerda do espectro político, a exemplo da crônica “Os comunistas”, na qual responde às críticas feitas por Jacob Gorender e questiona o conceito de “Nacionalismo” de algumas correntes políticas.

Diz Braga:

Nacionalismo como o entendo não é o ódio ao estrangeiro, xenofobia, e muito menos ditadura; é simplesmente defesa dos interesses do povo de cada país contra a exploração econômica ou (e) a opressão política por parte de outras potências. Esse nacionalismo defensivo é que é necessário ao Brasil. Ele deve ser objetivo, prático, e não místico: Nada me desgosta mais do que o primarismo dos anti-comunistas que vêem tudo da Rússia como obra de capetas ou o tom longamente adotado pela “Imprensa Popular” divisando em tudo que é norte-americano corrupção, imperialismo, bestialidade, ignorância.<sup>26</sup>

Essa independência de opinião e a disposição de “atirar para todos os lados”, conforme a sua consciência, afastaram-no de qualquer ação político-partidária. Ele nunca foi um político, no sentido mais restrito da palavra. Muito menos um comunista, como acreditavam muitos dos seus detratores de direita. Nesse sentido, tem razão o jornalista Fernando Pedreira, quando afirmou, conforme assinalamos anteriormente, que “Seria certamente falso fazer, do doce e mal-humorado urso que foi Rubem Braga, uma figura política”.<sup>27</sup>

Ao lado do raro talento de cronista, seu patrimônio maior como homem e como profissional foi sua indobrável independência de caráter e de atitudes, sua recusa a aderir a igrejas, patotas, partidarismos; ou a aceitar compromissos que lhe anulassem a liberdade e a maneira de ser. O Braga morreu íntegro e inteiro, como viveu. Viva o Braga.<sup>28</sup>

Tais características da crônica bragueana parecem ser estranhamente desconhecidas por críticos e historiadores da literatura brasileira, que insistem em ignorar ou minorar o perfil combativo do *velho urso*. Há exemplos surpreendentes, como o do poeta, ensaísta e professor universitário Affonso Romano de Sant’Anna, que, em entrevista à jornalista cearense Ana Karla Dubiela, autora do livro *A traição das elegantes pelos pobres homens ricos*, afirma que a crônica feita nos anos 40, 50 e 60, por Braga e outros “grandes mestres” do gênero, como Fernando Sabino e Paulo Mendes Campos, é uma crônica anedótica, é uma crônica lírica, é uma crônica muito sobre o quadro da zona sul carioca, às vezes, mas falta, em geral, nessa crônica, a densidade política”. Densidade esta que “só começa a aparecer, sistematicamente, a partir dos anos 70 para 80”, e que, segundo Sant’Anna, foi acentuada por ele próprio e por Arnaldo Jabor.<sup>29</sup>

Tal afirmação é contestada pelo jornalista, escritor e biógrafo Marco Antonio de Carvalho, que, nas orelhas do livro de Ana Karla, dá a seguinte declaração:

(...) Dubiela não cai no conto que pretende que a crônica somente se torna política e engajada nos anos 70, depois da violência do AI-5 e da censura. Braga, dessa forma, seria aquilo que se convencionou chamar de ‘alienado’, uma crítica que a esquerda filiada à visão comunista fez durante décadas ao trabalho do cronista.

Ora, Rubem Braga, para citar apenas ele, foi um cronista panfletário, político, de temática social, desde seus primeiros tempos, aos 15 anos, no jornal dos irmãos, e em Belo Horizonte, São Paulo, Recife, Porto Alegre, antes ainda de completar 25 anos. Essa atuação lhe rendeu perseguições, fugas, prisões e processos, a tal ponto que, durante anos, Braga teve que assinar suas crônicas com pseudônimos e, poucos anos antes de morrer, teve uma crônica censurada no jornal O Estado de São Paulo ao declarar que votaria no candidato Luís Inácio Lula da Silva, na disputa deste com Fernando Collor. O Estadão apoiava Collor.

Ao contrário do que pretendem os apressados, Braga escreveu sobre as misérias do país a vida inteira, apesar de si mesmo: preferia, e nunca escondeu isso, falar da beleza feminina, de um pôr-do-sol em Ipanema, do canto de um pássaro, de um encontro com os amigos, da simples visão de um entardecer, temas considerados fúteis pelos bem-pensantes, que buscam textos, antes de tudo, úteis<sup>30</sup>.

No acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa, encontra-se, como já observamos no início deste artigo, um número impressionante de textos, entre crônicas, artigos, notas, comentários e reportagens nos quais Rubem Braga se posiciona, de forma enfática e contundente, sobre quase todos os temas relevantes, nas áreas da política, da economia, da diplomacia, da cultura, da ciência, dos costumes, da religião, da tecnologia.

A sondagem desse acervo comprova a dura crítica política tão freqüente nas crônicas de Rubem Braga nos períodos em que as ditaduras – de Getúlio e a do governo militar implantado em 1964 – deram o tom do arbítrio. É o caso das crônicas “Lacerda e sua política”, publicada no *Jornal do Brasil* em 21 de abril de 1965, “Os filhos dos torturadores” (*Revista Nacional*, 24 de março de 79), “As virtudes militares” (28 de agosto de 1964) e “As delícias da prisão” (29 de setembro de 1964). Ou aquela que denuncia a arbitrariedade da polícia e dos poderes constituídos, a exemplo de “Carro de genro” (5 de agosto de 1948). Tal acervo, analisado exaustivamente em minha tese de doutorado, é tema de outros artigos e de livro cujas publicações, previstas para 2010, reforçarão a construção de uma outra imagem do *velho urso* de Cachoeiro do Itapemirim – bem distinta (e distante) da do cronista ameno, das mulheres e dos passarinhos, que define o grande escritor que todos nós aprendemos a admirar.

## Notas

<sup>1</sup> Arquivo da Fundação Casa de Rui Barbosa / FCRB. “A honra da farda”. *Jornal do Brasil*, 30/10/1964.

<sup>2</sup> Arquivo da FCRB. “A doce impunidade”. *Diário de Notícias*, 6/1/1965.

<sup>3</sup> “Lembrança do jovem Braga (I)”. Artigo publicado por Moacir Werneck de Castro, no *Jornal do Brasil*. Arquivo da FCRB, sem data.

<sup>4</sup> CARVALHO, Marco Antonio de. *Rubem Braga: um cigano fazendeiro do ar*. São Paulo: Editora Globo, 2007, p. 291.

<sup>5</sup> CARVALHO, Marco Antonio de, *op. cit.*, p. 246.

<sup>6</sup> Arquivo da FCRB. “Recado ao secretário”. Edição de 29/4/1951. Periódico não identificado.

<sup>7</sup> Limitamo-nos aqui às crônicas publicadas em livro. As inéditas, preservadas no acervo da Fundação Casa de Rui Barbosa (RJ), são objetos de análise na tese de doutorado do autor, defendida em junho de 2009, sob o título *Crítica social na obra de Rubem Braga: o olhar irônico do cronista em seis décadas da história brasileira*.

<sup>8</sup> BRAGA, Rubem. Nãzinha. In: *O conde e o passarinho e Morro do isolamento*. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1961, p. 187-190.

- <sup>9</sup> LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970, p. 55
- <sup>10</sup> A exceção fica por conta das questões ecológicas.
- <sup>11</sup> CARVALHO, Marco Antonio de, *op. cit.*, p. 509.
- <sup>12</sup> *Idem*, p. 528.
- <sup>13</sup> *Idem*, p. 510.
- <sup>14</sup> *Idem*, p. 556.
- <sup>15</sup> *Imprensa*, edição de março de 1991. Reportagem de Múcio Borges da Fonseca.
- <sup>16</sup> Acervo da FCRB. Data e periódico não identificados.
- <sup>17</sup> *Ibidem*.
- <sup>18</sup> Arquivo da FCRB. "Viva o Braga". *Jornal do Brasil*, 6/1/1991.
- <sup>19</sup> CARVALHO, Marco Antonio de, *op. cit.*, p. 226.
- <sup>20</sup> *Idem*, p. 441.
- <sup>21</sup> Arquivo da FCRB. *Revista Imprensa*, 1991.
- <sup>22</sup> *Ibidem*.
- <sup>23</sup> *Ibidem*.
- <sup>24</sup> *Ibidem*.
- <sup>25</sup> *Ibidem*.
- <sup>26</sup> Arquivo da FCRB. Data e periódico não identificados.
- <sup>27</sup> *Ibidem*.
- <sup>28</sup> Arquivo da FCRB. "Viva o Braga". *Jornal do Brasil*, 6/1/1991.
- <sup>29</sup> DUBIELA, Ana Karla. *A traição das elegantes pelos pobres homens ricos: uma leitura da crítica social em Rubem Braga*. Espírito Santo: Edufes, 2007.
- <sup>30</sup> *Ibidem*.

### Referências bibliográficas

ARQUIVO DA FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA / FCRB, RIO DE JANEIRO  
 BRAGA, "A monótona desgraça". Periódico não identificado, 13/11/1948.  
 BRAGA, Rubem. "A nova lei". Periódico não identificado, 30/08/1958.  
 BRAGA, Rubem. "A honra da farda". *Jornal do Brasil*, 30/10/1964.  
 BRAGA, Rubem. "A doce impunidade". *Diário de Notícias*, 6/1/1965.  
 BRAGA, Rubem. "Recado ao secretário". Periódico não identificado, 29/4/1951.  
 CASTRO, Moacir Werneck. "Lembrança do jovem Braga (I)". *Jornal do Brasil*, s/d.  
 FONSECA, Múcio Borges da. *Imprensa*. Março, 1991.  
 LIVROS

BRAGA, Rubem. *O conde e o passarinho e Morro do isolamento*. 4. ed. Rio de Janeiro: Sabiá, 1961.  
 BRAGA, Rubem. *Crônicas da guerra na Itália*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1986.  
 BRAGA, Rubem. *Um pé de milho*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.  
 BRAGA, Rubem. *O homem rouco*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.  
 BRAGA, Rubem. *A borboleta amarela*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 1984.  
 BRAGA, Rubem. *O verão e as mulheres*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.  
 BRAGA, Rubem. *Ai de ti, Copacabana!* 11. ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.  
 BRAGA, Rubem. *A traição das elegantes*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 1982.  
 BRAGA, Rubem. *Recado de primavera*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 1991.  
 BRAGA, Rubem. *As boas coisas da vida*. Rio de Janeiro: Record, 1988.  
 BRAGA, Rubem. *Uma fada no front – Rubem Braga em 39*. Seleção de Carlos Reverbel. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1994.  
 BRAGA, Rubem. *Um cartão de Paris*. Seleção de Domício Proença Filho. Rio de Janeiro: Record, 1997.  
 CARVALHO, Marco Antonio de. *Rubem Braga: Um cigano fazendeiro do ar*. São Paulo: Editora Globo, 2007.

- DUBIELA, Ana Karla. *A traição das elegantes pelos pobres homens ricos: uma leitura da crítica social em Rubem Braga*. Espírito Santo: Edufes, 2007.
- LUCAS, Fábio. *O caráter social da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1970.
- RIBEIRO, Carlos. *Caçador de ventos e melancolias: um estudo da lírica nas crônicas de Rubem Braga*. Salvador: Edufba, 2000.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BOSI, Alfredo. *O pré-modernismo – a literatura brasileira*. Vol. V. 5. ed. São Paulo: Cultrix.
- BRITO, Mário da Silva. *Antecedentes da semana de arte moderna*. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 3ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- PEREIRA, Wellington. *Crônica: a arte do útil e do fútil: ensaio sobre a crônica no jornalismo impresso*. Salvador: Editora Calandra, 2004.
- SÁ, Jorge de. *A crônica*. São Paulo: Ática, 1985.